ISSN: 2358-8829

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA ARARIBÁ CONECTA DO 6° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS)

Samira Lisboa da Silva [1]
Anilda Costa Alves [2]

INTRODUÇÃO

A língua não é homogênea: embora a maioria dos brasileiros fale o português, as comunidades de fala apresentam diferentes formas de expressão. Coelho *et al.* (2025) explicam que a variação linguística é inerente a todas as línguas. Entretanto, determinadas formas são mais prestigiadas e costumam ser ensinadas como as únicas "certas" na escola.

Nesse sentido, a presente pesquisa analisa como a variação linguística é abordada no livro didático Araribá Conecta – Português, 6º ano, organizado por Andressa Munique Paiva e publicado pela Editora Moderna, em 2022. A questão norteadora é: de que forma a variação linguística é contemplada nesse material, adotado por escolas públicas de Guarabira-PB?

Os objetivos específicos são: mapear as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD); analisar os dez critérios propostos por Bagno (2007); e identificar avanços e desafios para as práticas pedagógicas.

A pesquisa fundamenta-se em Labov (2008), Coelho *et al.* (2025), Bortoni-Ricardo (2004; 2025) e Bagno (2006; 2007; 2012; 2013), além dos documentos oficiais da educação brasileira. No que tange à metodologia, trata-se de uma investigação com abordagem qualitativa, caráter descritivo e procedimento documental.

A relevância do estudo está na necessidade de compreender como os fenômenos sociolinguísticos são tratados no livro didático e podem chegar à sala de aula. Defende-se uma educação linguística que reconheça o caráter social da língua e discuta

[1] Graduando do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, samira.lisboa@aluno.uepb.edu.br
[2] Doutora em Línguística pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, anilda.alves@servidor.uepb.edu.br

diversidade, adequação linguística e preconceito, sem se restringir às prescrições gramaticais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa tem abordagem qualitativa, com a análise do livro de Língua Portuguesa Araribá Conecta, adotado pelo município de Guarabira-PB. Segundo Paiva (2019, p. 13), a pesquisa qualitativa busca compreender e descrever fenômenos sociais a partir de diferentes perspectivas, incluindo a análise de documentos.

A investigação também é descritiva e documental, pois analisa o livro didático e as orientações da BNCC, dos PCNs e do PNLD. O material selecionado é destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental (anos finais), etapa em que a BNCC prevê habilidades relacionadas ao reconhecimento da variação linguística e à reflexão sobre o preconceito linguístico.

O livro possui oito unidades, com gêneros textuais, conteúdos gramaticais e atividades de oralidade. Todo o material foi considerado, pois a variação linguística não se restringe a uma seção específica.

A análise foi orientada pelos dez critérios propostos por Bagno (2007), em *Nada na língua é por acaso*, a saber:

Critério 1: O livro didático trata da variação linguística?
Critério 2: Menciona a pluralidade de línguas existentes no Brasil?
Critério 3: Limita o tratamento às variedades rurais e/ou regionais?
Critério 4: Apresenta variantes de variedades prestigiadas, como as de falantes urbanos e escolarizados?
Critério 5: Distingue norma-padrão e norma culta?
Critério 6: Aborda fenômenos gramaticais ou se limita ao sotaque e ao léxico?
Critério 7: Mantém coerência entre a abordagem da variação e o tratamento dos fatos gramaticais?
Critério 8: Reconhece a variação entre fala e escrita sem tratar a fala como lugar do erro?
Critério 9: Aborda a mudança linguística? De que maneira?
Critério 10: Apresenta a variação apenas para, ao final, impor a norma-padrão como única forma válida?

A justificativa para consideração de tais critérios é que, em nossa visão, eles fornecem um olhar crítico para a temática da variação, mudança e diversidade linguística no ambiente escolar, que tem no LD uma importante ferramenta pedagógica.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Sociolinguística é uma área interdisciplinar que estuda as relações entre língua e sociedade. Coelho *et al.* (2025, p. 12) afirmam que ela "estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos". Consolidada na década de 1960, a área se opôs a perspectivas que tratavam a língua de forma isolada.

Com os estudos de William Labov, a variação passou a ser compreendida como um fenômeno sistemático, condicionado por fatores linguísticos e sociais. Para Coelho *et al.* (2025, p. 7), as escolhas linguísticas não são aleatórias. Assim, nenhuma variante é, em si, melhor ou pior que outra, os julgamentos de "erro" estão relacionados também a valores sociais.

É importante distinguir variedade, variação, variável e variante. Variedade corresponde aos usos característicos de um grupo; variação, à coexistência de formas em determinado contexto; variável, ao elemento linguístico em que ocorre a alternância; e variante, a cada forma possível, como "tu" e "você" (Coelho *et al.*, 2025).

A língua é um sistema heterogêneo e organizado. As escolhas dos falantes são condicionadas por fatores linguísticos, sociais e estilísticos e podem receber diferentes avaliações sociais. Por isso, o preconceito linguístico está ligado aos valores atribuídos aos grupos que utilizam determinadas formas.

A Sociolinguística Educacional articula os estudos da variação e da mudança linguística às práticas escolares. Bortoni-Ricardo (2004; 2025) destaca a importância de considerar os repertórios dos alunos e ampliar sua competência comunicativa, sem desqualificar as variedades que já dominam. Nessa perspectiva, o ensino precisa partir dos usos reais da língua e ajudar o estudante a compreender que as escolhas linguísticas variam conforme o contexto, os interlocutores e o grau de monitoramento da fala.

A escola, muitas vezes, privilegia a gramática tradicional e se distancia dos usos reais da língua. Bagno (2006) critica práticas que tratam formas populares como erros, pois podem reforçar o preconceito e ignorar a sistematicidade da fala dos estudantes. O objetivo não é abandonar o ensino da norma-padrão, mas apresentá-la como mais um

recurso do repertório linguístico, necessário em determinadas situações sociais, sem transformar outras variedades em formas inferiores.

É necessário distinguir a norma-padrão, uma construção prescritiva, das normas efetivamente utilizadas pelos falantes. Faraco (2008) alerta para a força da norma curta, que transforma convenções restritas em regras rígidas e desconsidera a diversidade dos usos linguísticos. Essa distinção é relevante para evitar que o aluno compreenda a gramática normativa como representação fiel de todas as formas de falar e escrever, desconsiderando os contextos em que os usos ocorrem.

A BNCC, os PCNs e o PNLD são documentos centrais para o ensino de Língua Portuguesa e reconhecem a importância da diversidade linguística, embora nem sempre apresentem orientações suficientemente específicas para uma abordagem aprofundada da Sociolinguística Educacional. Por esse motivo, a análise considera tanto as orientações gerais desses documentos quanto a maneira como elas se materializam nas atividades do livro didático.

A BNCC propõe valorizar a diversidade linguística e analisar situações e atitudes relacionadas aos usos da língua, incluindo o preconceito linguístico (Brasil, 2018, p. 70). Também prevê o contato com variedades prestigiadas e não prestigiadas. Assim, espera-se que o ensino possibilite ao estudante reconhecer a pluralidade dos usos e refletir sobre os valores sociais atribuídos a eles, em vez de limitar a discussão à correção gramatical. Os PCNs afirmam que “A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis” (Brasil, 1998, p. 29), orientando o reconhecimento das variedades e o combate à discriminação linguística.

O PNLD avalia os materiais didáticos, considerando erros conceituais e preconceitos. Contudo, Bagno (2007; 2013) observa que livros ainda podem apresentar concepções limitadas da variação, especialmente quando a associam apenas às falas populares. A aprovação de uma obra, portanto, não elimina a necessidade de uma leitura crítica por parte do professor, que pode aprofundar conceitos e problematizar atividades que permitam interpretações discriminatórias.

Portanto, embora os documentos oficiais reconheçam a diversidade linguística, persistem lacunas que podem favorecer abordagens superficiais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, analisamos o livro Araribá Conecta – Português com base nos dez critérios de Bagno (2007) e discutimos sua aproximação com os documentos oficiais da educação brasileira.

Critério 1: O livro didático trata da variação linguística?

A variação linguística é importante para que o livro didático esteja em consonância com os documentos educacionais e com os estudos sobre o ensino de língua materna. Por isso, espera-se uma abordagem consistente de um material aprovado pelo PNLD.

O LD contempla a variação linguística ao longo da obra, principalmente por meio de contos populares e orais. Como a variação é inerente às línguas (Coelho *et al*., 2025), a ausência de uma seção exclusiva não constitui, por si só, um problema; é necessário observar a profundidade das reflexões propostas.

Embora não apresente uma definição explícita, o tema aparece em atividades sobre contos populares. Na questão 13, da página 58, o comando sugere que a variação já foi trabalhada, mas essa abordagem não é claramente identificada no livro. Como o Manual do Professor não foi analisado, não é possível verificar se há orientações complementares. Essa ausência de explicitação pode dificultar a compreensão do aluno, sobretudo se a discussão depender de conhecimentos que não foram sistematizados anteriormente no material.

A atividade da seção *Eu conto e reconto* acompanha o conto popular *O coelho medonho* (O amigo Folhaço), de Marco Haurélio, marcado por traços de oralidade. A questão propõe refletir sobre a mudança da fala conforme a situação comunicativa e as características das comunidades linguísticas. Entretanto, pode gerar respostas preconceituosas se a linguagem dos jornais for entendida como ideal, tornando fundamental a mediação docente.

Assim, o LD aborda a variação linguística, mas nem sempre de maneira explícita. Esse critério se articula aos demais e será retomado ao longo da análise.

Critério 2: O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil?

Bagno (2007) chama atenção para a falsa ideia de que o Brasil é monolíngue. O país possui ampla diversidade linguística, incluindo línguas indígenas e línguas associadas a diferentes processos migratórios. Essa pluralidade foi historicamente silenciada por ações de violência contra populações indígenas e pela proibição do uso de outras línguas. Esse processo contribuiu para a difusão da ideia de que apenas o português é falado no território nacional, apagando parte da herança cultural brasileira.

No LD, a diversidade aparece em uma abordagem geral sobre linguagens e em um apêndice relacionado ao conto *História do Roubo de Fogo*, de Angela Pappiani, que permite discutir línguas indígenas. Entretanto, são poucos os exemplos, o tema não é retomado e não há referência às contribuições de outras matrizes linguísticas. Ainda assim, o material rompe parcialmente com a visão de que só existe o português no Brasil.

ISSN: 2358-8829

Uma discussão mais ampla poderia evidenciar que o português convive com outras línguas no território nacional e que essa pluralidade também integra a história cultural do país.

Critério 3: O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?

Bagno (2007) critica materiais que representam a variação quase exclusivamente por variedades rurais e regionais, frequentemente tratadas como pitorescas. No LD analisado, não aparecem tirinhas de Chico Bento nem textos voltados exclusivamente à representação rural ou regional.

Bagno (2007) observa que exemplos de variedades rurais e regionais costumam ser apresentados como pitorescos, reforçando estereótipos. No LD analisado, não aparecem tirinhas de Chico Bento nem textos ou canções exclusivamente voltados à representação rural ou regional. A variação aparece sobretudo nos contos populares, que apresentam marcas da fala popular nordestina. Embora essa escolha não seja problemática em si, as atividades associam esses usos frequentemente à informalidade, o que pode atribuir-lhes uma carga negativa. Por outro lado, algumas questões permitem refletir sobre fenômenos verbais e sobre a formação de palavras na oralidade. Desse modo, o material não se limita a exemplos regionais caricaturados, mas ainda precisa ampliar a representação de falantes de diferentes grupos sociais e contextos de uso.

Critério 4: O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos e escolarizados)?

A ausência de variedades prestigiadas pode reforçar a ideia de que apenas os indivíduos menos escolarizados apresentam uma variação em sua fala. O LD menciona variedades valorizadas e não valorizadas na atividade 2, questão “c”, da página 61, mas não oferece exemplos concretos de fala de grupos prestigiados. É importante ressaltar que os falantes urbanos e escolarizados também realizam escolhas variáveis, ainda que algumas formas recebam maior prestígio social. A ausência desses exemplos limita a percepção da heterogeneidade linguística como característica de todos os grupos.

Na atividade, os contos populares são associados à informalidade, termo que, conforme Bagno (2013), pode encobrir avaliações preconceituosas quando relacionado principalmente às falas populares. A pergunta sobre variedades valorizadas e não valorizadas, contudo, abre espaço para discutir a estratificação social dos usos linguísticos.

A atividade com o vocábulo “cacunda”, na página 57, permite refletir sobre o léxico utilizado por diferentes comunidades de fala. Ainda assim, a predominância de exemplos de variedades não prestigiadas pode sugerir que a variação ocorre sobretudo entre grupos socialmente menos valorizados.

Critério 5: O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?

Norma culta e norma-padrão não são equivalentes: a primeira se relaciona aos usos de falantes com maior escolarização, enquanto a segunda corresponde a uma construção normativa idealizada. O LD não define explicitamente esses conceitos, mas utiliza expressões como variedades prestigiadas e não prestigiadas, formalidade e informalidade, sem confundi-los diretamente.

O material didático não menciona a caracterização da norma culta e da norma-padrão. Sendo assim, não existe essa confusão com os termos, visto que os autores usam expressões que fogem desses erros conceituais, como variedades prestigiadas e não prestigiadas, informalidade e formalidade.

Critério 6: O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?

Uma abordagem ampla da variação deve contemplar o léxico, o sotaque e os fenômenos gramaticais, considerando como cada grupo social utiliza a gramática da língua. Bagno (2007) destaca que até mesmo os paradigmas verbais podem contribuir para esse trabalho. O LD apresenta exemplos lexicais, como “cacunda” (p. 57) e “esparachar” (p. 58), além de marcas da oralidade nos contos. Contudo, não desenvolve de forma sistemática a variação em fenômenos gramaticais, o que limita a compreensão de que a heterogeneidade também ocorre na organização gramatical da língua.

Critério 7: O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas seções, a tratar do “certo” e do “errado”?

Bagno (2007) observa que alguns livros apresentam a variação em uma seção isolada, mas continuam tratando os usos como “certos” ou “errados” nas demais partes. No LD analisado, a temática aparece ao longo da obra, inclusive nas seções de gramática.

Na abordagem da concordância verbal, o livro reconhece o uso de “a gente” e explica que sua substituição por “eu” ou “você” não altera necessariamente o sentido. Também apresenta, na página 209, um exemplo de concordância nominal característica de usos populares, em que a marca de plural aparece apenas no determinante do nome, e informa que essa construção é socialmente estigmatizada. A orientação para usar a norma-padrão em situações formais pode ampliar o repertório do aluno, desde que não desqualifique outras variedades. Nesse caso, o ensino se mostra mais coerente quando a adequação ao contexto é apresentada como objetivo, e não como justificativa para classificar a fala cotidiana como inferior.

Critério 8: O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?

Alguns livros didáticos tratam a fala como lugar do erro e a escrita como modelo ideal. O LD analisado, por sua vez, diferencia as modalidades sem desqualificar a oralidade e reconhece que elas atendem a condições comunicativas distintas.

Na página 130, a abordagem dos contos populares explica que uma narrativa de memória pode apresentar diferenças quando escrita ou contada oralmente: a escrita tende

a seguir convenções da norma-padrão e a empregar verbos no passado, enquanto a oralidade pode usar o presente para conferir vivacidade ao relato. Na página 60, o material reconhece que, ao passar uma história oral para a escrita, algumas marcas podem ser preservadas e outras modificadas. Já na página 63, a comparação entre uma narrativa oral e um texto jurídico evidencia as relações entre gênero, formalidade e intenção comunicativa. Essa abordagem é positiva porque mostra que fala e escrita possuem características próprias e que as escolhas linguísticas dependem do gênero, do objetivo e da situação de comunicação.

Critério 9: O livro aborda o fenômeno da mudança linguística? Como?

Bagno (2007) considera importante abordar a mudança linguística por meio de exemplos que mostrem transformações ao longo do tempo, tanto no léxico quanto na gramática, como a comparação entre textos de épocas diferentes. Nesse sentido, o LD analisado afirma que a língua é dinâmica e, na página 256, menciona que palavras surgem e deixam de ser usadas, inclusive quando não estão registradas nos dicionários. Entretanto, não apresenta exemplos concretos que aprofundem a compreensão desse processo ou mostrem mudanças na organização gramatical.

Critério 10: O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?

Para Bagno (2007), a apresentação da variação perde força quando, em seguida, o livro impõe a norma-padrão como única forma válida. O problema não está na norma-padrão em si, mas em tratá-la como modelo exclusivo para todos os usos.

No LD, o termo informalidade aparece associado às falas populares ou rurais, como na página 47, o que pode reforçar a ideia de que esses grupos são os principais responsáveis pela variação. Por outro lado, o tema é retomado em diferentes unidades, inclusive nas seções de gramática. Assim, o material apresenta coerência em alguns aspectos, mas ainda possui limitações na representação das variedades e no aprofundamento de certos fenômenos. Cabe ao professor problematizar essa associação e mostrar que todos os falantes variam, adequando seus usos às situações comunicativas.

O livro didático alinha-se aos documentos oficiais da educação brasileira (BNCC, PCNs e PNLD)?

O LD apresenta alinhamento com os documentos oficiais, especialmente ao abordar a variação e o preconceito linguístico, conforme previsto na BNCC (Brasil, 2018, p. 70). Também menciona variedades prestigiadas e não prestigiadas e a mudança linguística, embora não ofereça exemplos concretos suficientes desse último processo.

Em relação aos PCNs e ao PNLD, o material contempla aspectos da diversidade linguística. Contudo, os documentos não estabelecem critérios especificamente fundamentados na Sociolinguística Educacional, o que pode favorecer uma abordagem superficial, sobretudo quando comparada ao espaço dedicado à gramática normativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou como a variação linguística é abordada no livro Araribá Conecta – Português, 6º ano. Os resultados mostram que o tema aparece ao longo da obra, principalmente por meio de contos populares e orais, mas nem sempre recebe tratamento explícito ou aprofundado.

A análise dos documentos oficiais confirmou que a BNCC, os PCNs e o PNLD reconhecem a importância da diversidade linguística, embora persistam lacunas para orientar um trabalho sociolinguístico mais consistente. Quanto aos critérios de Bagno (2007), o livro os contempla parcialmente: destacam-se positivamente a abordagem das diferenças entre fala e escrita e a presença da variação nas seções gramaticais. Por outro lado, faltam exemplos de variedades prestigiadas e de variação gramatical, e a mudança linguística é tratada de forma breve. Esses resultados mostram que o material oferece possibilidades de trabalho, mas a abordagem crítica depende também do planejamento e da mediação docente.

A pesquisa reforça que a escola deve ampliar o repertório linguístico dos estudantes, e não reprimir suas formas de expressão. O ensino da norma-padrão é importante, mas não deve deslegitimar os usos da oralidade nem alimentar o preconceito linguístico. Nesse sentido, a escolha do livro didático e a mediação do professor são fundamentais para que a diversidade linguística seja tratada de forma crítica e respeitosa, contribuindo para uma educação linguística mais inclusiva.

Como limitação, o estudo analisou apenas o livro do aluno, sem consultar o Manual do Professor, e contemplou um único volume da coleção. Pesquisas futuras podem ampliar a análise para os demais livros de Língua Portuguesa da coleção.

Palavras-chave: Variação linguística; Preconceito linguístico; Livro didático.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística.** 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, **Marcos. Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Sociolinguística educacional.** São Paulo: Contexto, 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação.** Edital de Convocação n.º 01/2022 – CGPLI: edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e recursos educacionais digitais para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2024–2027. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2022. Disponível em: Portal do FNDE – Edital PNLD 2024–2027. Acesso em: 17 jul. 2026: https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/pnld-2024-2027/EditalPNLD2024.pdf

BRASIL. **Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base.** Brasília, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 12 jun. 2025.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística.** 1. ed., 6ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2025.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Série Língua[gem], 26).

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.